LUA DE LARVAS E A HERANÇA DAS DISTOPIAS DO SÉCULO XX

Yohana Gonçalves Bonfim (PIBIC/CNPq), Evanir Pavloski (Orientador),
e-mail: evanir.pv@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem.

Área de Letras e subárea do conhecimento Estudos Literários.

Palavras-chave: Literatura utópica, Gardner, intertextualidade.

Resumo
A obra *Lua de Larvas* (2012), escrita por Sally Gardner pode ser enquadrada como uma narrativa distópica, por razões, como por exemplo, a figuração de um Estado totalitário; a vigilância, que se manifesta tanto pela supervisão mútua da população quanto por meio de aparatos tecnológicos; e a manipulação tanto da linguagem e quanto da História. Estes elementos podem ser encontrados também em romances referenciais da literatura distópica do século XX. Portanto, esta pesquisa teve como objetivo apresentar uma análise da narrativa ficcional de Gardner que buscou reconhecer as intertextualidades desta com as obras *Nós* (1924), de Ievguêni Zamiátin, *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, *A Revolução dos Bichos* (1945) e *1984* (1949), de George Orwell. Os princípios teóricos norteadores do estudo são as considerações de autores que discorrem acerca das relações existentes entre Literatura e utopia/distopia.

Introdução

Lua de Larvas é um romance distópico escrito por Sally Gardner. Esta narrativa figura um Estado totalitário e tem como protagonista – narrador a personagem Standish Treadwell, um garoto de quinze anos que possui dislexia e olhos com cores distintas, características que fazem com que seja considerado pelo governo como uma criança com impurezas. Diante disso, a personagem vive com seu avô em um local conhecido como Zona sete; ambiente destinado para aqueles que cometeram algum desvio de conduta ou simplesmente não se encaixam no modelo de cidadão imposto pelo regime.

Esta pesquisa contém estudos sobre aspectos da narrativa de Gardner que remetem ou dialogam com romances referenciais da Literatura distópica, os quais são: *Nós*, *Admirável Mundo Novo*, *A Revolução dos Bichos* e *1984.* As análises que aparecerão mais adiante visam contribuir para os estudos na área de Literatura e utopia/distopia; e objetivam identificar se a estrutura narrativa da distopia de Gardner apresenta uma atualidade de questões sociais e estéticas que são geralmente abordadas nas narrativas distópicas da primeira metade do século XX.

Material e Métodos

A utopia (enquanto gênero literário) tem como principal característica a idealização de uma organização social modelar que se contrapõe à realidade empírica, portanto, estas narrativas geralmente figuram estruturas sociais estáticas que possuem uma espécie de fratura no espaço e no tempo, já que apresentam, em alguns casos, localizações imprecisas, bem como, “um futuro ucrônico, indeterminado, mítico: inexistente mesmo enquanto possibilidade” (COELHO NETTO, 1981, p. 51).

Elas também costumam ser regulamentadas por um racionalismo que vigora a homogeneização e a ortodoxia. Este espaço ficcional dispõe de um modo de vida próprio e regras fixas que visam a impedir qualquer ação autônoma dos cidadãos, visto que "não basta desejar o paraíso social, os indivíduos devem oferecer sacrifícios pessoais para que a ordem seja preservada" (PAVLOSKI, 2014, p. 55).

De acordo com Raymond Trousson (2005), o idílio utópico é geralmente apresentado por meio de um viajante ou uma personagem que não pertence à estrutura social. Tal aspecto gera um ponto de vista de fora da organização social, que é condizente com o do leitor, além de funcionar como uma justificativa que possibilita a discussão e apresentação do universo alternativo.

O rígido controle das ações individuais denota traços ditatoriais nestes escritos, e, em decorrência disto, o século XVI foi marcado pela problematização do pensamento utópico. As vertentes reacionárias alegavam que as utopias eram normatizantes e racionalistas ao extremo, como também desconsideravam os próprios desejos humanos.

Durante o século XIX houve o surgimento das utopias consideradas negativas ou distopias. As narrativas distópicas surgiram como crítica às idealizações utópicas e ao maniqueísmo exacerbado presente nas utopias. No gênero distópico há "uma visão individualista e contestadora ausente na utopia clássica" (TROUSSON, 2005, p. 133). Essa característica se torna possível devido a distopia figurar modelos sociais ainda em fase de desenvolvimento, portanto, o universo distópico é geralmente apresentado por uma personagem nativa da estrutura social, que ainda não foi conquistada/dominada pelas doutrinas do regime e desvela ao leitor o nível de opressão do local em que está inserida.

Resultados e Discussão

A narrativa de Gardner, assim como as demais narrativas literárias que analisamos, figura um Estado totalitário. A gênese do regime pode ser justificada devido à deflagração de uma guerra. Esta característica também pode ser verificável nos romances *Nós*, *Admirável Mundo Novo* e *1984*. Contudo, estas narrativas, assim como na obra de Gardner, não dispõem de muitas informações sobre os conflitos bélicos. Estes acontecimentos formam uma espécie de marco entre a organização social anterior e a atual. No entanto, não há uma quantidade considerável de referências sobre o passado pré-revolucionário.

Dentre os aspectos figurados em *Lua de Larvas* que dialogam com as demais narrativas, podemos destacar também os meios de controle utilizados pelos regimes totalitários que instigam a colaboração e apoio dos cidadãos. Em *Lua de Larvas* e *1984*, a tecnologia é instrumentalizada para esta finalidade. Para vigiar os cidadãos, o Estado totalitário figurado na narrativa de Gardner utiliza câmeras em locais públicos e microfones dentro das residências. Na obra de Orwell há aparelhos semelhantes a Tvs, que captam e transmitem imagens e são conhecidos como teletelas.

Na narrativa de Zamiátin, apesar de não haver aparelhos que dispõem das mesmas funcionalidades que os figurados nas narrativas de Gardner e Orwell, o Estado utiliza o vidro como matéria-prima para as construções, característica que promove a institucionalização da supervisão mútua por parte de toda a população.

O apoio popular e o exercício da delação é um aspecto comum nas narrativas de Gardner, Orwell e Huxley também. A respeito desse aspecto, a intertextualidade mais aparente em relação à narrativa de Gardner é a obra *1984*. Em ambas as narrativas há a prática de recrutar crianças para fins de fiscalização e colaboração

com o regime. O *Socing* dispõe de uma organização denominada como Espiões, já em *Lua de Larvas* é conhecida como Juventude da Terra Mãe. Tanto os Espiões quanto a Juventude da Terra Mãe funcionam como extensões dos organismos policiais e promovem o nacionalismo e a consequente manutenção do totalitarismo do regime distópico.

Em *Lua de Larvas,* os indivíduos que colaboram com o Estado por meio da delação são, inclusive, incentivados a isso. A Terra Mãe cede melhores alimentos e roupas em troca do seu apoio. Standish, em algumas passagens, associa estes indivíduos a carneiros. A associação ocorre principalmente devido a devoção e apoio da população às causas do Partido sem qualquer questionamento sobre as ações do regime. Tal aspecto remete à obra *A Revolução dos bichos*, pois nesta narrativa as ovelhas também apresentam estas características e podem ser consideradas como porta - vozes do regime.

Outros meios de controle que a narrativa *Lua de Larvas* se assemelha a *1984* é a imposição a uma Língua artificial e os recorrentes desaparecimentos. Na narrativa de Gardner está sendo implantada a Língua mãe, já no romance de Orwell é conhecida como *Novafala*. Em *Lua de Larvas*, não há informações a respeito da estrutura lexical e características da nova Língua imposta. Em *1984*, no entanto, a *Novafala* é caracterizada pela supressão de palavras e conceitos, pois o *Socing* acredita que é preciso “[...] estreitar o âmbito do pensamento” (ORWELL, 2009, p. 68 - 69), impedindo assim, o pensamento - crime. Em ambas as narrativas há desaparecimentos recorrentes e a população mantém uma atitude de condescendência diante disto. A título de exemplo, tanto os pais de Standish quanto os de Winston estão desaparecidos e não há qualquer atitude efetiva para reivindicar suas localizações. Algo que na narrativa de Orwell é ainda mais definitivo, devido à prática da alteração de fotografias, como também, a retificação de jornais e qualquer documento que contenha informações a respeito do indivíduo desaparecido.

As personagens Bernard, de *Admirável Mundo Novo*, D-503, de *Nós* e Winston, de *1984*, são nativas do espaço distópico ao qual estão inseridas e apresentam comportamentos que demonstram sua individualidade no decorrer do enredo, características semelhantes ao protagonista-narrador da narrativa de Gardner. No entanto, dentre as três personagens, a que mais se assemelha a Standish é Winston, pois desde o início até o final da narrativa, demonstra seu descontentamento em relação ao meio social e desenvolve ações que culminam em transgressões e contestações contra o regime.

As personagens Bernard e D-203, assim como Standish, têm características físicas que, de certa forma, não são aceitas pelo regime. Bernard dispõe de alterações físicas e psicológicas que o tornam deslocado em seu meio social, já D-503 tem um excesso de pêlos nas mãos; característica considerada primitiva pelos cidadãos do Estado Único e remete ao passado pré-revolucionário.

A formação de grupos de indivíduos que visam a empreender esforços contra a estrutura opressora na qual estão inseridos é também uma característica destas narrativas. Em *Lua de Larvas* há uma organização de resistência conhecida como Obstrutores. Já em *1984*, Winston se une a Confraria; suposta organização contrária ao regime do Grande Irmão. No entanto, ele descobre que a Confraria é mais uma estratégia para manter o regime no poder e acaba sendo preso e recondicionado como cidadão modelo. Em *Nós,* há também uma organização com essa finalidade, e o protagonista – narrador passa a ser um membro.

Conclusão/ões

Os resultados das análises apontam para uma intertextualidade mais aparente em relação à narrativa de Orwell. *1984* e *Lua de Larvas* se assemelham não somente nos meios de controle utilizados pelo Estado totalitário, como também em relação à trajetória de contestação do protagonista. Em ambas as narrativas, há aparelhos tecnológicos para a vigilância, recrutamento de crianças, manipulação da linguagem e recorrentes desaparecimentos. As personagens Standish e Winston desde o início se revelam inconformadas com a estrutura social a qual pertencem e executam ações que contestam o regime, diferentemente do que podemos perceber em relação aos protagonistas das outras narrativas. Apesar disso, é perceptível o diálogo que *Lua de Larvas* estabelece com as demais obras, como, por exemplo, a gênese do modelo social figurado, protagonistas que são nativas do espaço distópico, a institucionalização da supervisão mútua por parte da população e as organizações de resistência contra o regime.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq, pelo auxílio financeiro. À UEPG, pela oportunidade. Ao meu orientador, pela disponibilidade e orientação.

Referências

COELHO NETTO, J. T. **O que é utopia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GARDNER, S. **Lua de Larvas**. Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. 22. ed. Trad. Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2014.

ORWELL, G. **A Revolução dos Bichos**. 1. ed. Trad. Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **1984**. 36ª reimpressão. Trad. Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAVLOSKI, E. **1984:** A distopia do indivíduo sob controle. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

_____. **Da revolução ao totalitarismo:** a herança de Nós, de Eugene Zamiatin, para as distopias do século XX. Revista Morus. Campinas, UNICAMP. 2017.

TROUSSON, R. Utopia e Utopismo. Trad. Ana Cláudia Romano Ribeiro. **Revista Morus: Utopia e Renascimento**. Campinas, SP, v. 2, p. 123-135, 2005.

ZAMIÁTIN, I. **Nós**. Trad. Gabriela Soares. São Paulo: Aleph, 2017.